

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

NA A. N. FASCISTA

O debate em curso na A.N. fascista sobre a revisão da Constituição, se põe em relevo a diferenciação de opiniões no seio do regime relativamente a métodos de actuação, está a confirmar, de forma clara, o que o P.C.P. repetidamente tem afirmado: M. Caetano e o seu governo não se propõem levar a cabo qualquer processo de «liberalização», «democratização» e «descolonização». Visam, sim, reforçar as estruturas do estado fascista e do domínio colonial a coberto da demagogia «liberalizante».

As tímidas medidas de liberalização preconizadas pelo pequeno grupo de «deputados» que a si mesmos se intitulam de «minoría» e de «ala liberal» foram repelidas pela assembleia fascista, sob o comando do governo, e os seus autores frequentemente tratados com rudeza.

Estes, com um papel muito activo no debate, desmistificando as posições caneruecolas e a oratória empolada dos seus contendoros e empurrando-os, por vezes, para situações em que se cobriram de ridículo (Cunha Araújo, por exemplo), procederam em alguns casos a uma caracterização corajosa do carácter autocrático e liberticida do regime, denunciaram os atentados à liberdade de expressão, através das «apreensões administrativas, da censura, das causas prévias», à liberdade de reunião e de associação existente somente «quando e para o que o governo entender», à liberdade física «com a possibilidade de prisões policiais prolongadas e incontroladas judicialmente e de interrogatórios sem a presença de defensor».

Nisto as suas intervenções reflectiram o peso da luta popular, a influência da acção desenvolvida pelo movimento democrático, o apoio de que gozam as grandes reivindicações democráticas nas mais largas massas do nosso povo.

O facto de a maioria de entre eles persistir em confundir as soluções que preconiza com o que seriam os desejos profundos de M. Caetano e do seu governo, remete-os, porém, para a posição equívoca em que se colocaram desde o início e reduziu-os facto ao triste papel de principais títeres de M. Caetano no terreno da demagogia «liberalizante», que este, apesar de tudo, ainda se esforça por não abandonar completamente.

Intervindo directamente no debate, dando ordens à assembleia, impedindo por intervenção sua que os projectos dos deputados fossem objecto de discussão na especialidade, o governo não fez senão aquilo que é próprio de um governo fascista: amordaçar as bocas quando estas falam de liberdades, mesmo que se trate de vozes escolhidas pelos próprios órgãos do poder fascista.

Nos amargos desabafos de alguns destes «deputados» e até na decisão de abandonarem o debate podem-se reconhecer tanto o desabar de ingénias insusadas na demagogia «liberalizante», como o propósito deliberado de continuar a servir a máscara liberalizante do governo e do seu chefe e aquela mesma demagogia.

O que se passa confirma o que o P.C.P. preveira: o projecto dos «deputados» não tinha qualquer probabilidade de atingir a sua apresentação só contribuiu para «criar a falsa ideia de que as liberdades por que o povo português aspira e luta lhe poderão ser dadas, sem luta, por um dos órgãos da opressão».

O que se passa não altera o que o Comité Central do nosso Partido preconizou em Maio de 1970: não é o movimento democrático que tem que apoiar as ilusórias palacras

Dos últimos discursos de M. Caetano, Rui Patrício, Sá Viana Rebelo e outros ministros, o que antes de mais nada salta à vista é a preocupação, a falta de confiança e até o medo ante o evoluir da situação nacional e internacional, inteiramente desfavorável à política reaccionária, fascista e colonialista do governo. As infarronadas e ameaças vociferadas contra os trabalhadores, os comunistas e o movimento democrático em geral, visam principalmente encobrir as dificuldades reais com que o regime e o governo se debatem no momento presente.

Estes resultam, em primeiro lugar, das acções crescentes da classe operária e das massas laboriosas, dos estudantes e intelectuais, dos democratas e dos próprios militares por objectivos concretos e imediatos. As acções da A.R.A., em especial a de Tancos, e as de 5 de Junho em Lisboa e Sacavém, que se inserem nas lutas de massas por reivindicações económicas e sociais, pela liberdade e a democracia, levaram o alarme ao campo fascista. A grande jornada de luta do 1.º de Maio, não preocupou menos os círculos monopolistas e financeiros pelo poder mobilizador do Partido Comunista Português, a cuja chamada mais de 20.000 trabalhadores, estudantes e intelectuais desceram à rua na cidade do Porto.

As crescentes dificuldades do regime resultam, em segundo lugar, da luta crescente dos povos de Angola, Guiné e Moçambique, que Caetano e os seus ministros procuram minimizar, mas que os últimos comunicados de guerra do fascismo, informações confidenciais do Estado Maior do Exército e as viagens constantes dos comandantes-chefes a Portugal e de ministros e generais às colónias deixam antever que as coisas estão a correr mal para os colonialistas portugueses não apenas naquelas colónias, mas também em Cabo Verde.

Resultam, em terceiro lugar, das acções de massas e das críticas constantes à escala internacional denunciando a política fascista colonial e de guerra do governo de M. Caetano, das resoluções condenatórias da ONU e outras organizações internacionais que, sem a menor dúvida,

«liberalizantes» pronunciadas no campo fascista. «São aqueles que se pronunciam contra a continuação da ditadura fascista que têm que apoiar as reivindicações democráticas».

acentuam o isolamento do regime e do governo fascistas.

Reanimação do Movimento Democrático Agudizam-se as condições internas do regime

A reanimação do movimento democrático concretizada em encontros nacionais e regionais virados para a acção, a criação duma larga e representativa Comissão Nacional pela Liberdade de Expressão e a multiplicidade de iniciativas visando esse objectivo; a intensificação e alargamento da luta contra a repressão, pela abolição efectiva das celebradas medidas de segurança e pela amnistia; o descontentamento crescente das massas trabalhadoras contra a carestia da vida e os baixos salários, que se manifesta também entre grandes massas do funcionalismo público, como sargentos e cabos do Exército, Marinha de Guerra e Aeronáutica, professores e médicos, descontentamento que se transforma frequentemente em grandes acções reivindicativas e de protesto; as acções reivindicativas de carácter económico e social no próprio terreno dos sindicatos nacionais e a criação, neste mesmo terreno, de um movimento sindical que reclama insistentemente liberdade de reunião e de expressão, direito de greve e de representação internacional pelos próprios sindicados, etc., e que vem resistindo corajosamente às arbitrariedades, ilegalidades e violências do governo e das forças repressivas; o descontentamento e resistência crescentes contra a guerra colonial por parte das massas populares e da juventude, facto que o próprio Estado Maior do Exército é obrigado a reconhecer, reflectindo tudo isto necessidades que se deseja ver satisfeitas e aspirações que se espera alcançar, provoca, no entanto nos círculos governantes e nos vários grupos monopolistas e clãs fascistas o medo quanto ao futuro, do que resulta a agudização das contradições internas do regime, em especial, quanto a métodos e formas de governar e administrar. Isso foi observado recentemente na chamada Assembleia Nacional em torno da discussão sobre a revisão da constituição fascista.

A HUMANIDADE JAMAIS OS ESQUECERÁ

A morte trágica dos cosmonautas soviéticos Gueorguie Dobrovolski, Vladislav Volkov e Viktor Patsaiev, pioneiros das estações orbitais científicas, encheu de consternação e pesar o coração de toda a humanidade progressista e provocou a maior emoção em todo o mundo.

Cumprindo cabalmente e com honra a sua difícil e complexa missão, os três intrépidos cosmonautas soviéticos asseguraram um novo triunfo à ciência e à sua pátria socialista e abriram novos caminhos para o avanço do homem na conquista do cosmos.

Graças ao esforço abnegado da tripulação da primeira estação científica orbital, «Saliut», durante 24 dias de trabalho incansável e na mais longa permanência até agora vivida no espaço pelo homem, chegaram à terra

dados preciosos para a biologia, a geologia, a astronomia, a economia e outros domínios da ciência, de incalculável valor para a humanidade.

Condecorados póstumamente pelo seu feito heróico, os nomes de Gueorguie Dobrovolski, Vladislav Volkov e Viktor Patsaiev jamais serão esquecidos pelos povos do mundo.

© povo soviético chora a perda dolorosa destes filhos queridos e valerosos e tem a seu lado os comunistas, os trabalhadores e toda a humanidade progressista nesta hora de luto.

O «Avante!», seguro de exprimir ao PCUS e ao povo soviético a dor solidária de todos os comunistas, da classe operária e do povo de Portugal, inclina as suas bandeiras de combate ante a memória dos três heróis da «Saliut».

(continua na 2.ª pág.)

PCUS
DGS

Salvemos

AUGUSTO LINDOLFO!

O camarada Augusto Lindolfo continua a ser torturado nos antros da PIDE-DGS.

Sua mulher, foi também presa, nos princípios de Junho, com uma filhinha, de cerca de dois anos, que à data da nossa última informação permanecia na cadeia de Caxias juntamente com a mãe.

Urge redobrar a acção em defesa do camarada Augusto Lindolfo e de sua mulher e filha.

(continuação da 1.ª pág.)

mar e por aqueles que morreram de armas na mão, defendendo o território nacional e não para que se fizessem novos Brasis».

Esta oposição aberta a aspectos da política do governo, pouco antes referidos por M. Caetano, custou ao general a perda do cargo.

M. Caetano tenta montar uma provocação contra o P.C.P. e o Movimento Democrático

Numa tentativa desesperada para calar o descontentamento e clamor populares por melhores condições de vida, pela liberdade política, pela paz e o progresso social, o governo de Caetano recorre cada vez mais às forças repressivas. Mais do que isso, uma vez que toda uma série de espantelhos e fantasmas do velho arsenal reaccionário-fascista surtem cada vez menos efeito entre as massas populares, M. Caetano, ao velho estilo hitleriano, apalpa terreno para a montagem de uma provocação contra o Partido Comunista e o movimento democrático que possa justificar aos olhos do povo português e da opinião pública internacional uma onda repressiva de carácter terrorista de grande amplitude.

Na «conversa» de 15 de Junho passado, Caetano procura meter as lutas populares de massas, as acções da A.R.A., a guerra de libertação nacional dos povos de Angola, Guiné e Moçambique, no saco do terrorismo vulgar, para chegar à grande «descoberta», tanto mantida em segredo, de que o des-carrilamento do rápido Porto-Lisboa em 23-5-71 fora resultado dum acto criminoso.

Os descarrilamentos em Portugal são quase o pão nosso de cada dia, a maioria, felizmente, sem consequências de maior, mas o nazi-fascista M. Caetano não visou apenas cobrir o descalabro das linhas e a incapacidade das administrações da C.P.. Ele visou principalmente comover a opinião pública e levantar a luta contra os revolucionários e patriotas que conduzem uma luta abne-

Rádio Moscovo

Transmite todos os dias para Portugal em duas emissões, das 19,30 às 20 e das 20,50 às 21 horas em 16, 19 e 25 metros.

CONTRA A CRIMINOSA GUERRA NO VIETNAM

Juntando a sua voz a milhões de vozes de protesto que no mundo inteiro condenam a criminosa agressão imperialista americana no Vietnam, as mulheres do Barreiro enviaram ao embaixador dos E.U.A. um telegrama em que afirmam:

«Dia Mundial da Criança mulheres portuguesas protestam massacres crianças Vietnam».

As mulheres do nosso País são solidárias com as abnegadas mulheres vietnamitas. Por isso, tal como as mulheres do Barreiro, devem protestar, recorrendo às mais variadas formas de acção junto das autoridades americanas em Portugal, reclamando o fim imediato da bárbara agressão imperialista americana no Vietnam.

Mais acções solidárias do povo português ao heróico povo vietnamita!

Insistir nas lutas de massas

cada contra a ditadura e a sua política antinacional e partir daí para a montagem dum criminoso provocação que pudesse justificar todos os crimes do seu governo. O tiro saiu-lhe pela culatra, pois ninguém de boa fé acreditou na «descoberta».

Porém, os fascistas por intermédio da PIDE-DGS ou de qualquer grupo dos chamados «ultras» são bem capazes de praticar atentados criminosos deste ou de qualquer outro tipo para justificar uma onda de repressão, terrorista contra os comunistas e todos os antifascistas portugueses.

Estranho, muito estranho que Caetano não se tenha referido directamente às acções da A.R.A. do dia 3 de Junho. E que ele sabia que tais acções gozam da simpatia e do apoio populares porque, longe de serem terroristas, são acções patrióticas que se inserem nas lutas de massas pela conquista da liberdade política e da paz, pela verdadeira independência nacional.

Política de rapina e de traição

Pelo contrário a algazarra patrioteira de M. Caetano e dos seus ministros é acompanhada diariamente de novas concessões ou promessas de concessões aos imperialistas estrangeiros. Na verdade, o que conta para eles é a defesa dos interesses e privilégios dos monopólios sem pátria, das pastas e das postas dos serventuários do capital nacio-

nal e estrangeiro.

Para poder manter esta situação de rapina e de traição, a camarilha salazarista atrelou o País há 22 anos ao carro de guerra dos imperialistas norte-americanos através do agressivo Pacto do Atlântico. Milhões e milhões de contos extorquidos ao povo português tem sido o preço pago por essa ajuda estrangeira ao regime fascista português.

Com as armas fornecidas a peso de ouro pelos seus patrões e parceiros da OTAN e outras ajudas directas e indirectas retribuídas por novas concessões em Portugal e nas colónias portuguesas, pode hoje o governo de Caetano prosseguir uma guerra criminosa contra os povos de Angola, Moçambique e Guiné.

Revelando um alto espírito patriótico, o povo português, porém, responde à política antinacional do governo fascista e colonialista de Caetano com acções cada vez mais enérgicas e massivas, incluindo acções armadas, contra as estruturas militares que servem a guerra colonial e de protesto contra a realização em Lisboa da reunião do Conselho do agressivo Pacto do Atlântico.

Os fascistas arrastam o País para a guerra civil

Esta política antinacional e de guerra traduz-se para o povo português na ausência das mais elementares liberdades democráticas, em mais impostos, mais baixos salários e vencimentos, no aumento constante do custo de vida, num ensino retrogrado, na militarização de toda a vida nacional, na perda de mais vidas nos campos de Africa, na entrega das principais riquezas nacionais e fontes de receita aos imperialistas estrangeiros, no atraso do País.

Entretanto, Caetano e os seus caixeiros viajantes lançam: loas, em Portugal e no estrangeiro, sobre o progresso e desenvolvimento do país como fruto político da ditadura.

Desse «progresso» e «desenvolvimento», como cada um pode verificar, resultou a descida de vários degraus em relação ao conjunto dos países europeus. Em contrapartida, criaram-se e desenvolveram-se, isso

sim, muitos Tenreiros, Teotónios, Pereiras, Vieiras, Muchado, Bastorffs, Silvas, etc., etc., e as grandes famílias e grupos monopolistas acumularam fortunas colossais, à sombra do regime e à custa do suor, da miséria e do sangue de milhões de trabalhadores portugueses e africanos.

E para manter este «desenvolvimento» e «progresso» que M. Caetano, no dia 29 de Maio, em Braga, defendeu as virtudes da forma ditatorial fascista do governo, a manutenção a todo o custo da guerra colonial, o revigoramento da milícia fascista Legião Portuguesa como instrumento de repressão. E que o ministro da Defesa, general Sá Viana Rebelo ameaçava 15 dias antes: «Se a segurança no Ultramar é indispensável mantê-la, não é menor a importância que o Exército dá à segurança interna, isto é, à ordem e tranquilidade pública da metrópole».

E assim se arrasta o país para a guerra civil.

Unir mais fortemente na acção

Tem sido a luta de massas, as acções populares por objectivos concretos e imediatos que têm forçado o demagogo fascista M. Caetano e a sua camarilha a deitarem abaixo a máscara «libertizante» e a apresentarem-se tal como sempre foram: fascistas. As palavras e os actos aí estão a comprová-lo.

Quanto maiores forem as dificuldades do regime e mais encurralado ele estiver pelas acções das massas populares mais procurará lançar mão da repressão, mais afiará as tesouras da censura mais ameaçará com o exército para manter a «ordem» e a «tranquilidade» nas nossas cidades e nos nossos campos (gen. Sá Viana Rebelo, 15-5-71), mais gritará que não perderá o controlo das armas e do material (idem).

Porém, toda esta gritaria ameaçadora, longe de significar força e segurança, só mostra a intranquilidade, a falta de confiança e a insegurança que reinam no campo fascista. Isto, naturalmente não quer dizer que o regime já esteja a desconfiar-se e muito menos que a sua queda esteja para amanhã por decomposição automática. Não, a ditadura terrorista dos monopólios não cederá por vontade própria.

Insistir nas acções de massas, organizando-as melhor, alargando-as, multiplicando-as por toda a parte, coordenando-as à escala nacional e unir mais fortemente na acção por objectivos concretos e imediatos a classe operária, as massas trabalhadoras e as forças antifascistas é estar a criar seguramente os candidatos revolucionários que conduzirão ao levantamento nacional, à insurreição popular armada que derrubará o regime fascista e instaurará um regime democrático abrindo a larga estrada da liberdade, da paz, do progresso social, do socialismo.

NAS EMPRESAS

● No DIÁRIO DE NOTÍCIAS (Lisboa), após várias greves intermitentes, os gráficos fizeram greve total no dia 18 de Maio. A PIDE-DGS apareceu em força e cerca de 20 agentes de pistola em punho intimaram os trabalhadores a retomar o trabalho sob a ameaça de serem levados para a sede da polícia.

Retomando o trabalho, os gráficos não abandonaram a luta. Começando por exigir a comparação dum administrador, insistem na rápida satisfação das suas reivindicações: salário único para todos, fim das horas extraordinárias e integração das que estão fazendo no salário normal, arrumação das indemnizações.

Tendo-se o administrador comprometido a estudar as reivindicações apresentadas, os gráficos continuam a pressionar o patronato recorrendo à «cera».

● No FOMENTO EBORENSE, com cerca de 500 trabalhadores, na maioria mulheres, o turno da noite, que ganha como se fosse diurno, ameaçou não trabalhar se não tivesse aumento. A reivindicação foi apresentada por um grupo de operárias, em nome de todas. Foi alcançado um aumento diário de 10\$00.

● Na PROMETALIZ (Porto), depois dum reunião ampla no refeitório da empresa, o pessoal entregou um abaixo-assinado na Administração com 150 assinaturas (90% do total), protestando contra o atraso do pagamento do salário e reivindicando o pagamento quinzenalmente e em dias certos.

Trabalhadores! A vossa luta não pode parar, pois não para o aumento do custo de vida nem da exploração.

CAMPANHA DE FUNDOS 50.º aniversário P.C.P.

A transportar	701.402\$80	Militão	100\$00
A juventude está com o Partido	26\$00	Idem	100\$00
À memória de C. Eufémia (A)	50\$00	O comunismo triunfará	135\$00
Abatido as guerras colon.	28\$00	Para o Quinq. aniv.	100\$00
(J. P. Com. 50.º)	1.535\$00	Para o 50.º	55\$00
Idem (J. P. Lista 4)	895\$00	Pela lib. de G. Carvalho	4.000\$00
Amigo certo	115\$00	Pela Unidade (P)	50\$00
Amnistia total (S.P. com. 50.º)	1.270\$00	Pela vitória do n.l Partido	250\$00
Ant. Dias Lourenço	2.000\$00	Revol. Dem. e Nao.	10\$00
Idem (filho)	215\$00	Rui	500\$00
Bento Caraca	10.000\$00	Sofia Ferreira	500\$00
Com. sem cansaço	2.000\$00	Soldador	10\$00
Contrib. extraord. (Ar)	500\$00	Um amigo pelo socialismo	50\$00
Idem (M)	45\$00	Um camarada	50\$00
Cuba livre	255\$00	Um dem. de Tortozendo	150\$00
Idem	50\$00	Viva a ARA	200\$00
Economista vermelho (A)	150\$00	50.º Aniv. do P.C.P.	150\$00
Embl. do P.	40\$00	50.º Aniv. do Partido	425\$00
Fidelidade ao Partido	2.500\$00	TOTAL:	747.103\$80
Amigo bolchevique	455\$00		
Helder	50\$00		
Heróis da luta	700\$00		
Ho-Chi-Minh	80\$00		
José da Silva (I)	5.000\$00		
Idem (II)	5.000\$00		
Kratcheo (A)	500\$00		
Liberdade para Pires Jorge	1000\$00		
Mato vermelho	150\$00		
Marx, Engels, Lênine (P. Com. 50.º)	1.414\$00		
Médico vermelho	1.000\$00		
Metalúrgicos de Paris	1.981\$00		

RECTIFICAÇÕES:

Avante 426: na rubrica Catarina Eufémia, em vez de 100\$00, ler: 1.000\$00; na rub. da 2.ª col. 30.º, ler: em vez de 31.º, deve ler-se: Sol.º 27\$00; na rub. «50 anos de luta» (S) em vez de 850\$00 ler: 850\$50.
Avante 430: na rub. «Econ. Vermelho (A)» deve ler-se: Electricista vermelho 1.000\$00 e na rub. ARA 200\$00 juntar 7 à patarata ARA.

MENSAGENS DE SAUDAÇÃO DOS PARTIDOS IRMÃOS

PARTIDO POPULAR REVOLUCIONÁRIO MONGOL

— Depois de felicitar fraternalmente o C.C. do nosso Partido e todos os comunistas portugueses pelo 50.º aniversário e de fazer referências a alguns passos da luta e vida do P.C.P. e C.C. do P.P.R. Mongol, salienta:

«O nosso Partido aprecia altamente a grande contribuição que o Partido Comunista Português dá à nossa luta comum pela coesão das fileiras do movimento comunista e operário internacional, na base dos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, e pelo reforço da unidade de acção de todas as forças anti-imperialistas contemporâneas».

PARTIDO COMUNISTA DA ARGENTINA

— A certo passo da sua fraternal mensagem, assinada em nome do C.C. do P.C.A. pelo camarada Rodolfo Ghioldi, acentua-se: «Lutando por um Portugal forte e respeitado, próspero e feliz, o nosso Partido tem sabido conjugar o seu autêntico patriotismo com o internacionalismo proletário».

PARTIDO COMUNISTA DE ISRAEL

— Da mensagem deste partido irmão, destacamos: «Lutando contra as máquinas do imperialismo norte-americano dirigidas contra os povos do Médio Oriente, contra a política pró-imperialista dos círculos sionistas go-

vernantes de Israel, contra a sua política de agressão e expansão e por uma paz justa e estável na nossa região, baseada na plena observância da Resolução de Novembro de 1967 do Conselho de Segurança acerca da solução política da crise do Médio Oriente» nos salientamos que vós, queridos camaradas, estais lutando contra a mesma frente, a frente das forças anti-imperialistas e pelo progresso social».

PARTIDO COMUNISTA DA FINLÂNDIA

— Assinada pelo Secretário Geral, Arvo Aalto, a mensagem do Partido irmão da Finlândia depois de destacar o forte sentimento de solidariedade que une os comunistas finlandeses ao nosso Partido, diz a certo passo:

«Baseando a sua acção na ciência do marxismo-leninismo e defendendo os interesses dos trabalhadores do nosso país e simultaneamente dos povos coloniais, o nosso partido representa uma força do futuro, inspirada por uma perspectiva clara, força com que tem de contar o poder da ditadura, que só se mantém com o apoio do imperialismo estrangeiro».

PARTIDO COMUNISTA DA ALEMANHA

— Após ter referido as condições difíceis em que lutam os comunistas portugueses, a mensagem do C.C. deste partido irmão, assinada pelo primeiro Secretário, camarada Max Raimann, diz a certa

altura:

«Os nossos dois partidos não têm apenas de comum continuarem a ser interditos. Une-os a inabalável fidelidade ao marxismo-leninismo, aos princípios do internacionalismo proletário, ao poder determinante do campo socialista, da União Soviética e do seu partido leninista, o PCUS».

DOS COMUNISTAS E TRABALHADORES

Um Comité Sub-Regional do Baixo Ribatejo do P.C.P.

destaca: «As vitórias alcançadas ao longo de 70 (referimos apenas 70) na região, em especial em relação a algumas empresas, mostra-nos que era possível, com melhor trabalho, obter resultados mais positivos». E mais adiante: «Pela nossa parte, queridos camaradas, queremos assegurar-vos que estamos dispostos a prosseguir na luta pelo bem do nosso povo e pela defesa intransigente do nosso Partido».

Um Comité Sub-Regional do Alto Ribatejo,

o Partido soube sempre lutar pela coesão, pela disciplina e teve sempre a preocupação de guiar a classe operária no caminho revolucionário pela Democracia, pelo socialismo e pelo comunismo...».

Um grupo de trabalhadores comunistas da TAP,

depois de saudar o C.C. pelo 50.º aniversário, salienta: «Defensor intransigente dos trabalhadores o P.C.P. é, hoje, o principal adversário (e em condições difíceis de ilegalidade) do regime fascista, do governo de Caetano. É com ele que contamos para a vitória final da revolução proletária».

Mais de uma dezena de camaradas, simpatizantes e amigos do Partido

dos arredores de Lisboa, reunidos para comemorar o 50.º aniversário do Partido,

«Exprimem a sua confiança no papel de vanguarda do P.C.P. e na sua justa aplicação dos princípios do marxismo-leninismo». «afirmam o seu respeito pelo exemplo de quantos em duras condições de clandestinidade oferecem toda a sua energia para a sua capacidade à luta libertadora do nosso povo».

Um grupo de comunistas de Santarém,

referindo-se aos 50 anos de vida e de luta do P.C.P. afirma: «É o Partido que mais tem contribuído para a criação duma situação revolucionária no nosso país».

O Comité Local do Porto do P.C.P.,

afirma em certo passo da sua mensagem de saudação que tudo fará para «levar à prática as tarefas correctamente apontadas pelo C.C., muito especialmente as que respeitam ao alargamento e reforço da organização do Partido, à radicação cada vez maior do Partido das massas trabalhadoras».

Um grupo de economis-



tas comunistas de Lisboa,

diz: «Vanguarda dos trabalhadores, síntese do melhor do nosso povo, o Partido tem que intensificar no seu seio a luta ideológica, base de educação política e revolucionária dos seus militantes e da classe operária, mantendo-se sempre alerta contra a repressão, contra a traição, contra o imobilismo, contra os oportunistas tanto de direita como de esquerda, enfim, contra todas as barreiras que se opõem à marcha do marxismo-leninismo no nosso país».

Um organismo da Organização Estudantil Comunista

do Porto saudá o corpo de funcionários, o glorioso «Avante!», a R.P.L., o C.C. e os camaradas presos «pela confiança maior que nos incutem através da sua heroicidade ao enfrentar a polícia fascista».

O organismo de direcção da Organização Estudantil Comunista do Porto,

afirma: «Defendendo a unidade do Partido, unidos ombro com ombro com o C.C., guiados pelo marxismo-leninismo, munidos com a experiência de várias gerações de comunistas e com o seu exemplo de abnegação e de heroísmo, cumprindo revolucionariamente as nossas tarefas, a nossa luta será vitoriosa».

Na sua mensagem, a direcção das Organizações Estudantis do P.C.P. diz:

«Queremos dizer-vos, camaradas, quanto nos honra a nossa qualidade de militantes comunistas, quanto nos orgulha ser um pequeno elo da grande cadeia solidária que é o nosso glorioso Partido, quanto nos enche de alegria o podermos dedicar toda a nossa vida à grande causa da emancipação do proletariado português, à luta pelo triunfo do Socialismo e do Comunismo na nossa terra».

Um grupo de jovens trabalhadores do Porto

diz a certa altura: «Por isso e pelas vitórias alcançadas na luta reivindicatória, orientada pelo P.C.P., congratulamo-nos unindo-nos ao Partido do povo trabalhador».

Recebemos ainda saudações calorosas duma organização local do Partido da região de Aveiro, de estudantes comunistas duma faculdade de Lisboa, de um militante e de um organismo de trabalhadores do Porto, de um grupo de trabalhadores de seguros de Lisboa, de uma célula do Partido duma localidade do centro do país, de um grupo de comunistas bancários de Lisboa, de uma família comunista, de um jovem militante do Porto e outro de Matosinhos.

Os caixeiros de Vila Franca

conquistam a «semana inglesa»

UM EXEMPLO DE SOLIDARIEDADE POPULAR

Insistindo na sua acção pela conquista da «semana inglesa» nos meses de verão, os caixeiros de Vila Franca fizeram greve no dia 5 de Junho, da parte da tarde.

O mais renitente dos patrões — o dono da Casa Conde Barão — preparava-se para reabrir ele mesmo o estabelecimento às 15 horas julgando assim quebrar a luta dos caixeiros. Mas enganou-se. Conhecedores destes propósitos, os caixeiros, totalizando

cerca de 100, fizeram uma concentração em frente da loja enquanto centenas e centenas de pessoas saíam para a rua em seu apoio.

As forças da P.S.P. e da G.N.R. também nada conseguiram. Só o P.S.P. Almeida, que entrou logo a bater, levou alguma coisa que contar acerca da bem aplicada sova que apanhou.

As lojas só reabriram na 2.ª feira. A «semana inglesa» foi imposta em Vila Franca. A sua unidade combativa e ao apoio solidário do povo vilafraquense devem os caixeiros esta bela vitória.

Acções massivas dos professores

Recorrendo à repressão, o governo caetanista tentou em vão entrar e ilegalizar o movimento dos professores eventuais e provisórios do ensino secundário. Nas escolas e liceus foram proibidas as reuniões dos grupos de trabalhos dos professores.

A tais medidas responderam prontamente os professores com acções massivas de protesto que o governo não pôde silenciar completamente. A imprensa diária foi autorizada a noticiar a exposição apresentada por 600 professores do distrito de Setúbal mas nada disse da acção dos 850 professores do Porto e de Bragança que em 2 abaixo-assinados subscritos, respectivamente, por 700 e 150 professores reclamaram a imediata revogação da arbitrariedade.

Em defesa dos seus interesses os professores sabem que apenas podem contar com a sua acção tenaz e unida. Comissões de professores de Lisboa, Porto e Coimbra voltaram a reunir-se em Abril. No dia 9 de Maio, em Tomar teve lugar nova reunião com professores do Porto, Famalicão, Coimbra, Lisboa, Barreiro e outros distritos. No Porto, têm lugar reuniões de professores nas escolas técnicas e liceus.

Levantando-se contra a repressão, intensificando e alargando a sua acção pela imediata satisfação das suas reivindicações mais prementes, particularmente o pagamento de ordenado nos meses de férias, os professores defendem da melhor maneira a legalidade do seu movimento.

Importantes vitórias na luta dos médicos

No Hospital de S.º António (Porto), os médicos passaram de novo à acção em defesa duma conquista alcançada pela sua luta: o pagamento das «urgências» (horas extraordinárias). Numa ampla reunião com 92 médicos presentes, realizada em 14 de Abril, por grande maioria os médicos decidiram fixar o prazo de 10 dias para aquele pagamento. No dia 26, em nova reunião com 90 médicos, marcam greve para o dia 3 de Maio se a sua reivindicação não for satisfeita até ao dia 4. A sua firmeza deu-lhes a vitória.

No Hospital de S. João (Porto), mais de metade dos internos do 2.º ano se reuniram decidindo recorrer à greve burocrática, se o governo levasse por diante a sua tentativa de substituir o actual sistema de «urgências» por equipas-modelo a trabalhar por turnos. Cerca de metade dos internos do 1.º ano decidiram, por seu lado, que não aceitariam qualquer alteração sem serem ouvidos.

No Hospital de Júlio de Matos (Lisboa), 54 médicos dos hospitais psiquiátricos de Lisboa e do Centro de Saúde Mental Infantil reuniram-se em Assembleia conjunta no dia 1-2 decidindo recorrer à greve se as reclamações apresentadas ao Secretário de Estado da Saúde há mais de um ano não fossem atendidas dentro de 8 dias.

Mantendo a Assembleia conjunta em sessão permanente e desmascarando a acção repressiva da Administração deste Hospital, forçaram o governo a atender sem mais demora algumas das suas reivindicações.



O XIV CONGRESSO do Partido Comunista da Checoslováquia

O XIV Congresso do Partido Comunista da Checoslováquia, realizado em Praga nos dias 25/29 de Maio último, foi um acontecimento de elevado significado tanto para o Partido Comunista, a classe operária e o povo da Checoslováquia, como para o movimento comunista e operário internacional.

Experiências do passado, tarefas para o futuro

O Congresso fechou uma fase da história e abriu uma nova fase na construção do socialismo na Checoslováquia.

Três problemas maiores dominaram os trabalhos do Congresso: a análise e a superação da crise de 1968/69 (amplamente expostas no relatório do camarada G. Husak); o restabelecimento do papel dirigente e da unidade do partido e do seu trabalho como partido marxista-leninista e internacionalista; e as tarefas económicas para os próximos anos (expostas no relatório do camarada Strougal).

Mais de 1.200 delegados representando cerca de 1.200.000 membros do Partido, participaram nos trabalhos. A unidade, entusiasmo e confiança foram notas predominantes.

A presença de mais de 80 delegações de partidos comunistas e operários e partidos revolucionários do movimento nacional libertador testemunharam o apreço das forças revolucionárias pelo PC da Checoslováquia, valioso destaque do movimento comunista internacional. Entre as delegações, destacava-se a do PCUS, tendo à sua frente o camarada Brejnev, entusiasticamente aplaudido pelo Congresso.

A ajuda internacionalista da URSS e outros quatro países do Tratado de Varsóvia à Checoslo-

váquia socialista em 1968, a amizade inquebrantável sovieto-checoslovaca, foram também unânimes e entusiasticamente aprovadas.

Contra as esperanças do imperialismo, a Checoslováquia permaneceu, permanece e permanecerá no campo das forças revolucionárias, prosseguindo a construção da sociedade socialista.

Passa uma página da história. Uma nova página começa. Fazemos votos para que o PC, a classe operária e o povo da Checoslováquia alcancem grandes êxitos na realização das tarefas traçadas pelo XIV Congresso.

A saudação do PCP

Participou no Congresso uma delegação do PCP, composta pelos camaradas Álvaro Cunhal e Manuel Costa.

Da tribuna do Congresso, constantemente interrompido com aplausos, o camarada A. Cunhal pronunciou um discurso de saudação de que damos a seguir as principais passagens.

Depois de saudar o XIV Congresso e de referir os 50 anos de existência do P. C. da Checoslováquia e do Partido Comunista Português, o camarada A. Cunhal acentuou:

«Nestes longos anos de luta contra o fascismo, a URSS e os outros países socialistas têm sido sempre olhados como exemplos duma vida nova e livre, objectivo da nossa luta presente, e têm constituído um extraordinário factor de encorajamento, de irradiação de influência do nosso Partido, de confiança no futuro da revolução socialista no nosso próprio país».

«Isto explica, queridos camaradas, (salientou A. Cunhal a seguir) as inquietações que em 1968 causava em Portugal o desenvolvimento da crise no vosso país, a acção das forças antisocialistas e dos oportunistas de direita, que a

imprensa fascista e reaccionária portuguesa aplaudia e gabava ostensivamente, a tomada de consciência do perigo em que se encontrava o regime socialista, e a consequente aprovação pelo nosso Partido, seguido pelos trabalhadores portugueses e pela generalidade dos democratas, da ajuda internacionalista da URSS e outros países socialistas à Checoslováquia socialista».

E mais adiante:

«... em Portugal, os membros do nosso Partido e os trabalhadores de vanguarda acompanham este vosso Congresso com extrema atenção, porque é nas vossas mãos, queridos camaradas, é nas mãos do Partido Comunista da Checoslováquia, é nas mãos da classe operária e do povo da Checoslováquia dirigidos pelo vosso Partido, que está o futuro do socialismo na Checoslováquia».

Noutra passagem do seu discurso, A. Cunhal salientou: «A causa do proletariado, a causa do socialismo e do comunismo, é por sua natureza internacional e internacionalista. E o internacionalismo proletário significa a solidariedade recíproca entre os países socialistas e entre todos os destacamentos do movimento comunista e operário, a amizade e a cooperação com a URSS, cujo papel em todo o processo revolucionário mundial é decisivo. Significa a luta contra o nacionalismo e o antisovietismo, perigos maiores no movimento operário. Significa a valorização das realizações históricas e o aproveitamento das experiências efectivas, verificadas na construção do socialismo, fazendo sim uma análise criadora, mas não lhes contrapondo miragens idealizadas de «novos modelos de socialismo» que, associadas a um criticismo sistemático em relação à URSS e outros países socialistas, tendem a socavar a confiança dos trabalhadores na revolução socialista. Significa a análise de situações e acontecimentos, não ao sabor das pressões ideológicas do inimigo de classe ou de aliados reais ou potenciais, não na mira de pequenos sucessos imediatos, mas a partir dum ponto de vista de classe e na mais ampla perspectiva revolucionária. Significa que, na actividade diária, se consideram indivisíveis as tarefas nacionais e internacionais dos partidos comunistas e operários».

E a terminar:

«Que se reforce a unidade dos países socialistas, tendo à sua frente a União Soviética. Que se reforce a unidade do movimento comunista e a unidade de todas as forças anti-imperialistas».

RÁDIO PORTUGAL LIVRE

A R.P.L., voz livre, «voz que o fascismo não pode calar», é um poderoso instrumento ao serviço do nosso povo na luta pela paz, pela democracia e a independência nacional.

A sua criação, a 12 de Março de 1962, é, indiscutivelmente, uma das grandes realizações do nosso Partido ao serviço da classe operária, das massas trabalhadoras do povo português.

Os sucessivos e amplos programas que a R.P.L. tem dedicado ao 50.º aniversário do P.C.P. inscrevem-se entre as melhores iniciativas das comemorações. Através deles os militantes comunistas e as massas populares passaram a conhecer melhor o P.C.P., o seu programa, o seu património de heroísmo e dedicação profunda à classe de que é emanção, aos interesses do nosso povo.

A R.P.L. está diariamente inserida na nossa luta, em todas as lutas, criação que é dos comunistas e da classe operária portuguesa.

Informar a nossa rádio correcta e diligentemente, ouvi-la, estimular a sua audição, divulgar os seus programas, é uma tarefa de todos os dias.

* * *

VOZ DO P.C.P.

Transmite diariamente das 8 às 8,30 em 19 metros, das 19 às 21 horas em 19 e 26 metros. A última emissão é transmitida das 0,20 às 0,50 em 26, 32 e 36 metros.

Aos domingos transmite ainda das 13 às 13,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.

AO III CONGRESSO DO P.C. DA BOLÍVIA

O Comité Central do P. C. Português, em nome de todos os membros do Partido, sauda fraternal e calorosamente o III Congresso do P. C. da Bolívia.

Estamos certos, queridos camaradas, de que os comunistas bolivianos, inspirados pelo marxismo-leninismo, pelo internacionalismo proletário, saberão ganhar a classe operária e as massas trabalhadoras bolivianas para a luta contra o imperialismo, pela verdadeira independência nacional da sua pátria, pela democracia, a paz e o socialismo.

Fazemos sinceros votos, queridos camaradas, para o pleno êxito dos trabalhos do vosso Congresso.

O Comité Central
do Partido Comunista Português

Comunicado conjunto do P. C. Português e do P. C. da Grécia

No mês de Maio de 1971 teve lugar numa atmosfera cordial e fraternal um encontro entre os representantes dos Comités Centrais do Partido Comunista da Grécia e do Partido Comunista Português.

Os representantes dos dois partidos procederam a uma troca de informações sobre a situação nos países respectivos, exprimiram reciprocamente a sua solidariedade para com as vítimas da repressão fascista, a sua decisão de reforçar a luta

e a campanha internacional pela libertação de todos os presos políticos e a sua solidariedade aos povos da Indochina, de Angola, Guiné-Bissau e de Moçambique, aos povos árabes e a todos os povos que lutam contra o imperialismo, pela liberdade e o progresso.

Os representantes dos dois partidos exprimiram o interesse no reforçamento das tradicionais relações de amizade que existem entre eles.

MAFRA

800 cadetes acusam o fascismo

A morte trágica, por afogamento, de 4 cadetes do 1.º ciclo do C.O.M., Mafra, na manhã de 4 de Junho, no decurso dos duríssimos exercícios que realizavam, foi o rastilho que fez deflagrar em revolta aberta o profundo descontentamento que os cadetes de Mafra vinham acumulando.

Ao almoço, os 800 cadetes desta Unidade fazem um levantamento de rancho e, às tentativas do 1.º comandante para os dividir e ilibar o fascismo de toda a responsabilidade na tragédia, respondem acusando: ASSASSINOS! ASSASSINOS! Aos gritos de «Fascistas! ASSASSINOS! abandonam os refeitórios.

Numa reunião realizada a seguir, numa sala ocupada pela força, os cadetes condenam a violência dos exercícios, a falta de condições de segurança, o militarismo fascista, a guerra colonial. Reclamam o fim dos fogos reais e dos exercícios perigosos. Os oficiais fascistas tentam impedir que a reunião prossiga, ordenam a evacuação da sala,

mas recebidos com vaias e gritos, recuam rapidamente, prometem ouvir as reclamações dos cadetes, prometem um inquérito.

Receoso do que poderia suceder durante os funerais, o comando antecipa o fim de semana e faz correr que os funerais serão na segunda-feira; entretanto estes tiveram lugar logo no sábado.

Se a morte trágica dos 4 cadetes de Mafra é mais uma demonstração da forma sem escrúpulos como o fascismo sacrifica a juventude portuguesa à sua criminosa política de exploração e guerra colonial, a decidida reacção dos seus 800 companheiros confirma o amadurecimento de condições para uma decisiva resistência revolucionária a esta política no próprio interior das forças armadas.

Estas condições reclamam, cada vez mais, formas de organização apropriadas — núcleos clandestinos de acção — que todos os militares antifascistas e, em primeiro lugar os comunistas, se devem esforçar por pôr em prática.